

## Siracusa: cidade monumental

(Syracuse: Monumental City)

Juliana Figueira da Hora  
Museu de Arqueologia e Etnologia – Universidade de São Paulo  
[juliusp10@gmail.com](mailto:juliusp10@gmail.com)

Recibido: 11/06/2016  
Evaluado: 15/06/2016  
Aceptado: 27/06/2016

### Resumo:

Siracusa foi uma pólis fundada no século VII a. C. por habitantes de Corinto, liderados pelo oikista<sup>1</sup> Árquias. Desde o início da fundação até o século V a. C. ocorreram profundas mudanças políticas e sociais com repercussão na organização do espaço políade. A polis siracusana prosperou em proporções não registradas no mundo grego arcaico e clássico. Seu conjunto monumental, seu desenvolvimento urbano, sua expansão para a hinterlândia e a fundação de novas colônias trouxeram à Siracusa de época arcaica um destaque dentre as fundações gregas do Ocidente.

**Palavras-Chave:** Siracusa. Pólis. Tirania. Monumentalidade. Período arcaico.

### Abstract:

Syracuse was a polis founded in the seventh century B.C. by Corinthian habitants, led by the oikista Arquias. Since the beginning of the foundation until the fifth century B.C. a profound political and social changes occurred with repercussion in the organization of the space of the polis. The polis of Siracuse was prosperous in proportions not recorded in archaic and classic Greek world. Its monumental set, its urban development, its expansion

---

<sup>1</sup> O termo oikista foi aportuguesado de acordo com o glossário Labeca: <http://labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary/>

---

into hinterlands and the foundation of new colonies brought to archaic Syracuse a highlight among the Greek foundations of the West.

**Key words:** Syracuse. Polis. Tyranny. Monumentality. Archaic Period.

### **Espaço e Poder**

A Arquitetura não é simplesmente um resíduo de comportamento social ou interativo, mas um agente fundamental na formação de identidades e comunidades, além disso, o simbolismo cultural da arquitetura é um poderoso foco de memória.<sup>2</sup> Desse modo, podemos pensar a arquitetura monumental como um símbolo ativo de poder e de interação social, formador de identidades, transformador de paisagem e configurador de espaços e comunidades.

Segundo Bruce Trigger “o traço característico e definidor da arquitetura monumental é que a sua escala e a sua elaboração ultrapassa o requerido por qualquer função prática que um edifício precisa exercer”<sup>3</sup>. A construção de espaços urbanos organizados e setorizados, simbolizados por sua ostentação arquitetônica requer um dispêndio de energia que somente é possível por meio de um poder político centralizado, que disponibiliza recursos necessários e mão de obra suficiente para tal empreitada.<sup>4</sup>

Para A. B. Knapp, a tarefa de construir grandes e complexas estruturas requer compromisso a longo prazo, controle de recursos e investimento em trabalho e mão de obra. Ao contrário da maioria dos objetos estudados pela arqueologia, os edifícios monumentais são

---

<sup>2</sup> Para P. Bourdieu “o poder simbólico é um poder de fazer coisas com palavras. Nesse sentido, o poder simbólico é um poder de consagração ou de revelação, um poder de consagrar ou de revelar coisas que já existem” por isso o simbolismo arquitetônico perpetuou-se como símbolo de poder entre os tiranos. P. Bourdieu. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 166.

<sup>3</sup> B. Trigger. “Monumental Architecture: a Thermodynamic Explanation of Symbolic Behavior”. *World Archaeology*, 22, 2, pp. 119-132, 2008.

<sup>4</sup> Na arqueologia, a questão da monumentalidade se constrói na base da ideia de espaço, já pensada desde a década de 50 do século XX com Gordon Childe, seu precursor. Em seu livro, intitulado: *Society and Knowledge*. Westport: Conn. Greenwood, 1954, escreveu: “os homens gradualmente descobrem, por experimentação, como coisas e pessoas podem ser organizadas, definindo uma ideia de espaço” (1954, p. 76).

culturalmente construídos para marcar paisagens que expressam ativamente ideologia, acionam memória e ajudam a construir identidade.<sup>5</sup>

### **Monumentalização e Tirania<sup>6</sup> em época arcaica**

Na Sicília arcaica as questões ligadas à monumentalização do espaço e ao processo de expansão urbana estiveram relacionadas ao poder das tiranias locais. A construção de templos, estruturas urbanas, e outros grandes monumentos arquitetônicos fazem parte de um discurso visual evidente na paisagem de cidades da Sicília em época arcaica. A monumentalidade das edificações e a implicação necessária da mobilização de um grande contingente de mão de obra e recursos expressa um poder centralizado forte, além de transmitir uma mensagem de sua durabilidade no tempo<sup>7</sup>. Os dados materiais e as fontes textuais nos fazem observar um crescimento urbano significativo entre os séculos VI e V a. C. em muitas das pólis gregas na Sicília. A expansão da malha urbana, a relação desta com os grandes templos, a expansão do território, o crescimento das habitações e a movimentação dos portos delinearão e propiciaram as condições necessárias para o crescimento populacional.

---

<sup>5</sup> A. B. Knapp. “Monumental architecture, identity and memory”. In: *Proceedings of the symposium. Bronze age architectural traditions in the east Mediterranean. Diffusion and Diversity*. Gasteig, Munich, 7-8 May, pp. 47-59, 2008.

<sup>6</sup> De acordo com J. Hora em dissertação intitulada: *A expansão urbanística de Siracusa nos séculos VI e V a. C.* Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo – Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 2013, p. 11. “As tiranias disseminaram-se no mundo grego simultaneamente ao estabelecimento das cidades no Ocidente grego. Os tiranos buscaram alçar-se ao patamar de oikistas, de fundadores de cidades e, como tal, mereciam honras devidas aos heróis. O tirano como herói é uma peculiaridade do Ocidente e é uma construção ideologicamente planejada. O discurso do poder tirânico articulado em torno de sua figura heroica estava presente na arquitetura das grandes edificações de cunho cívico, na projeção pan-helênica advinda de vitórias nos jogos olímpicos e na sua narração por poetas líricos e dramaturgos.”

<sup>7</sup> E. V. Hirata. *Arqueologia, religião e poder político no Ocidente grego* (tese de livre-docência). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010, p. 23.



Fig. 1. Planta de Siracusa mostrando a malha urbana. Fonte: S. Bollati. *Siracusa: genesi di una città. Tessuto urbano di Ortigia*, 1999, p. 41.

### **O Discurso visual e o poder tirânico**

A expressão de poder por meio do discurso visual na paisagem também pode ser visualizada na própria planta da cidade. Os edifícios cívicos, sagrados, portas e muralhas são dispostos na paisagem de forma pensada, como um discurso monumental<sup>8</sup>. Segundo Rapoport o “ambiente construído”<sup>9</sup> é um conceito abstrato usado para descrever produtos da

---

<sup>8</sup> C. E. V. Aldrovandi; C. Teodoro Cultodio; R. M. Scatena; A. P. Tauhyl. “Modelos imagéticos urbanos e a compreensão da sociomorfogênese da cidade antiga”. In: C. E. V. Aldrovandi; M. C. N. Kormikiari; E. V. Hirata (orgs). *Estudos sobre o espaço na antiguidade*. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2011, pp. 105-124.

<sup>9</sup> Amos Rapoport trouxe uma grande contribuição para os trabalhos sobre espaço em arqueologia. Na obra intitulada A. Rapoport. *Meaning of Built Environment a Nonverbal Communication Approach*. (2.ed.). Tucson: University of Arizona Press, 1982 ele agrega todo um dinamismo de comportamento humano materializado.

---

atividade humana, sendo uma manifestação cultural materializada, por vezes monumental<sup>10</sup>. Os traços organizacionais de uma sociedade e seus traços cognitivos ficam impressos na paisagem. Portanto, o ambiente construído propicia a leitura, que determina o comportamento diante de um determinado lugar.

As transformações físicas, portanto, observadas nesta estrutura podem trazer informações sobre transições importantes a respeito de sua comunidade, ou seja, a memória compartilhada de um lugar. Partindo do pressuposto de que os conceitos de lugar e espaço são constituídos por atividades humanas, que por sua vez estabelecem conexões, poderíamos estipular, como marcos históricos da paisagem, os lugares biográficos, os espaços setorizados que compõem a estrutura de um território construído e seus significados, uma história contextual. As construções que foram envolvidas ao longo dos séculos mostram que o lugar não é um espaço isolado, mas um agregador de sentido, de memória, de experiências religiosas que contextualizam aquele espaço.<sup>11</sup>

A monumentalização das malhas viárias compõe os espaços especializados, ou lugares biográficos nas pólis gregas da Sicília. A organização destes espaços envolve um poder controlador, e no caso das colônias da Sicília, os tiranos tiveram um papel importante na configuração deste discurso marcado pelo visual, pela magnitude das construções e pelo alto dispêndio de energia e recursos.

A atribuição de grandes obras a tiranos foi, de acordo com a historiografia e fontes escritas, interpretada como forma de empreendedorismo por parte dos mesmos, dispostos a melhorar a vida da cidade. Com os avanços das pesquisas arqueológicas voltadas aos estudos de paisagem, foi possível enriquecer nossa percepção sobre a tirania, espaço construído e cidade grega. A Arqueologia trouxe à luz toda uma documentação relativa à reorganização e articulação dos espaços. Esta reorganização dependeu, como já foi visto, de um dispêndio de energia para mudar o tamanho dos quarteirões, grandes obras viárias, redistribuição de habitantes das cidades e de controle de comunicação entre grupos.

---

<sup>10</sup> Ver V. C. Porto. *A cidade como discurso ideológico: monumentalidade nas moedas do Império Romano*, R. Museu de Arq. Etn. Supl, São Paulo, n. 18, pp. 79-87, 2014, acerca da discussão sobre as representações monumentais também em objetos de circulação, no caso a moeda.

<sup>11</sup> M. N. Zedeno. “The Archaeology of Territory and Territoriality”. In: B. David e J. Thomas (eds). *Handbook of Landscape Archaeology*. Tucson: University Arizona Libraries and University, 2008, pp. 210-217.

Sob o ponto de vista do poder, o tirano, ao reorganizar o espaço, legitima o seu poder como fundador de uma cidade, manipulando as populações, controlando esforços, que ao se materializar, confirma seu poder absoluto como governante.

O discurso material deixado pelos tiranos está evidente na paisagem, e sua contribuição foi fundamental para a estruturação do espaço, com edificações repletas de sentidos simbólicos de poder e de religiosidade.

### **O poder político em Siracusa: breve histórico**

A tirania caracterizou o cenário político da Sicília desde os primeiros tempos das colônias e perpetuou-se até época helenística. Os tiranos foram endêmicos na região. As razões para este predomínio são complexas: a instabilidade e o conflito entre as colônias, o conflito entre os indígenas e a constante ameaça representada pelos cartagineses. Enfim, no Ocidente grego, a política dos tiranos tiveram êxito em estabelecer a defesa do território frente aos cartagineses e em manter, em certa medida, a unidade das colônias gregas.

A tirania na Sicília apresenta particularidades muito originais no mundo grego<sup>12</sup>. A política agressiva adotada pelos tiranos do século V a. C. é documentada principalmente por Diodoro Sículo<sup>13</sup>.

As fontes apontam que, por volta de 580 a. C., Fálaris foi o primeiro tirano a tomar o poder em Agrigento, uma fundação secundária, estabelecida por habitantes de Gela. Fálaris teria governado entre 572 e 556 a. C., expandindo territórios já no início de sua política<sup>14</sup>. Dominou o acesso ao interior siciliota, onde se encontravam assentamentos indígenas. Nos locais onde adentrou, encontrou mão de obra e eventual mercado consumidor de produtos manufaturados gregos.

Fálaris ampliou o território agrigentino, cuja fronteira oriental era vizinha a Gela. Em sua incursão para o interior teria atacado populações nativas, tomado a fortificação de Kamicos,

---

<sup>12</sup> Referente às tiranias em outros locais do mundo grego ver N. Luragui. *Tirannidi archaiche in Sicilia e Magna Grecia: Da Panezio di Leontini ala caduta dei Deinomedini* (Ed.) L. Firenze; S. Olschki, 1994, p. 377. O autor faz analogia entre as tiranias siciliotas e as da Ásia Menor, com Polícrates de Samos.

<sup>13</sup> Diodoro Sículo. *Library of History*. The Loeb Classical Library. Trad. C. H. Oldfather. Cambridge: Harvard University Press, 1963 apud E. F. V. Hirata. Op. cit., p. 93.

<sup>14</sup> Diodoro Sículo é a fonte mais importante, no que diz respeito à época arcaica na Sicília.

localizada no sítio de Sant'Angelo Muxaro, sede do governo de Kokalos, rei lendário da Sicília indígena, pré-chegada dos gregos na região.

Esta política de caráter agressivo teve continuidade nos anos seguintes, sob comando de tiranos importantes na história da Sicília. Entre 498 e 491 a. C. Hipócrates de Gela adotou também uma política expansionista, sendo sucedido por Gélon, um comandante militar pertencente à família Deinomênida, que ampliou a ação bélica contra as demais cidades gregas da Sicília, em prol do crescimento de Siracusa<sup>15</sup>.

Gélon tomou o poder em Gela em 491 a. C., depois da morte do tirano Hipócrates. Em 485 a. C. ele assumiu o controle de Siracusa com a proposta de assistir militarmente a cidade e repatriar ricos siracusanos exilados, dando-lhes cidadania. Gélon explorou sua hereditariedade como sacerdote do culto de Deméter e Core para subir ao poder. A relação da família Deinomênida com o culto das divindades ctônicas sempre foi muito estreita a ponto de os cartagineses focalizarem seus ataques sobre os templos das Duas Deusas como um alvo preferencial para atingir os tiranos. De acordo com Diodoro Sículo<sup>16</sup> Himílcon cercou o subúrbio de Acradina e saqueou os templos de Deméter e Core.

Segundo os dados textuais e arqueológicos recuperados, o culto a Deméter e Core foi muito importante na cidade de Siracusa. Os vestígios encontrados na neápolis são de um possível templo existente ao lado do teatro, que denota disseminação e a importância do culto em uma das áreas mais importantes de Siracusa, a Acradina.

Depois de ganhar o controle de Siracusa, Gélon a transformou e estabeleceu lá a sua capital, trazendo seu irmão Hiéron para conduzir Gela. Metade da população de Gela foi realocada imediatamente para Siracusa, a cerca de 140 km de distância<sup>17</sup>.

<sup>15</sup> Heródoto. *História*. Trad. de J. Brito Broca, São Paulo: Ediouro, (VII 154, VII 155), 2001.

<sup>16</sup> Diodoro Sículo. Op. cit., XIV. 63.

<sup>17</sup> Segundo McGlew. *Tyranny and Political Culture in Ancient Greece*. Cornell University Press, 1996, p. 21, a cidade-mãe Corinto interviu na tentativa de subida de poder implementada por Hipócrates, em Siracusa. Haja vista que a cidade-mãe não detinha o domínio sobre as suas fundações diretamente. A fundação era independente economicamente, porém politicamente ainda havia restrições quanto aos governos anunciados. Hipócrates, de acordo com Heródoto (7.154.3) tentou dominar Siracusa, mas foi em vão, já que Corinto, com o apoio corcívio permitiu o avanço e a tomada de poder em Siracusa. De acordo com McGlew, Corinto poderia possivelmente, com Hipócrates, perder o direito de intervir politicamente. Não foi por motivos altruístas que a cidade-mãe enviou ajuda, mas por motivos políticos, pois Hipócrates iria refundar Siracusa com um novo oikista, o que faria Corinto perder possíveis benefícios futuros, assim como aconteceu com Camarina (Tucídides 6.5.3). Com Gélon, não houve intervenção, mesmo este tendo praticamente refundado Siracusa.

Gélon foi o primeiro tirano siciliota a participar de uma competição pan-helênica, vencendo em 488 a. C. a corrida de quadriga nos Jogos Olímpicos. Este evento legitimou o seu acesso ao poder. Para Luraghi “De fato, a refundação geloniana de Siracusa se apresenta como o único caso em que um tirano, além de impor o seu próprio poder a uma cidade, constrói, ele mesmo, a cidade que dominará”<sup>18</sup>. Diodoro Sículo exalta a honra de Gélon na posição de soberano.

*Mesmo assim, nem os cartagineses em sua hostilidade nem Agátocles em sua baixaza nata, nem qualquer outro homem foi capaz de privar Gélon de sua glória; apenas a História como testemunha guardou sua justa fama, anunciando-a ao exterior com voz penetrante, para sempre. Certamente é justo e benéfico à sociedade que a História acumule imprecações sobre os homens que ocuparam posições de autoridade, mas deveria outorgar eterna memória àqueles que foram líderes benfazejos; nesse caso especialmente, será encontrado, muitos homens de gerações posteriores serão impelidos a trabalhar pelo bem geral da humanidade.*<sup>19</sup>

As políticas sistemáticas de deslocamentos obrigatórios de populações foram implantadas. Heródoto e Diodoro Sículo<sup>20</sup> descreveram as ações de transferências compulsórias de populações entre cidades dominadas por Siracusa<sup>21</sup>. Deste modo, amplia-se o contingente de habitantes e a pólis muda de escala em termos demográficos: de uma fundação de tamanho análogo às demais, tornando-se pouco a pouco uma megalópole.

Mégara Hibleia e Camarina são as primeiras cidades vitimadas por tais ações. Com a morte de Gélon, em 478 a.C., seu irmão Hiéron apoderou-se de Siracusa e deu continuidade à política anterior, deslocando populações, instalando em Leontinos a população de Naxos e Catânia, e mudando para Catânia novos colonos. Com a morte de Hiéron em 466 a. C. a tirania não se manteve, sendo substituída por democracias que não tiveram êxito<sup>22</sup>.

<sup>18</sup> N. Luraghi. Op. cit., 1994, p. 288.

<sup>19</sup> Diodoro Sículo Op. cit., XI. 38. 5.

<sup>20</sup> Heródoto. *História*. Op. cit., VII.158; Diodoro Sículo. Op. Cit., trecho: (XI.49; 66; 67; 76).

<sup>21</sup> N. H. Demand. *Urban reallocation in archaic and classical greece. Flight and consolidation*. University of Oklahoma Press, Norman and London, 1999, pp. 3-27.

<sup>22</sup> T. J. Dunbandin. *Western Greeks: the History of the Sicily and South Italy from the Foundation of the Greeks Colonies to 480 b.C.* Oxford: Claredon, 1948.



Tais “refundações” de cidades, amalgamando populações diversas criava uma situação complexa, pois conviviam em um mesmo espaço grupos sociais de origens diferenciadas, sem lealdades comuns, gerando tensões sociais latentes.

Para os tiranos de época arcaica, no entanto, tal política significava alçar-se ao patamar do oikista.<sup>23</sup> Diodoro Sículo<sup>24</sup> narra um trecho sobre o merecimento de Gélon às honras de herói. Foram-lhe conferidos cultos heroicos e honras de fundador. Assim, a “heroicização” do oikista associa-se à “heroicização” do tirano na Sicília<sup>25</sup>.

Hiéron reconstruiu Catânia e a renomeou como Etna. Diodoro Sículo<sup>26</sup> narra este episódio e diz que Hiéron fundou a cidade para assegurar suas honras de herói, e para isso precisou de suporte militar. Hiéron foi enterrado em sua cidade e de fato foi honrado como um oikista. Outro caso ocorreu em Agrigento com o tirano Téron, que por sua vez destruiu e reconstruiu cidades, repopulou Himera e foi honrado depois da morte.

Segundo A. G Woodhead<sup>27</sup> as alternativas políticas estabelecidas com as fundações tiveram papel fundamental no contexto das tiranias na Sicília. As peculiaridades desta forma de governo atenderam ao espaço e a projetos próprios deste contexto.

### **Siracusa: Expansão, monumentalidade e tirania**

Siracusa expandiu-se consideravelmente ao longo dos séculos. Tucídides, historiador grego, uma das fontes mais importantes para a história da Sicília arcaica narra:

*[...] No ano seguinte foi fundada por Árquias, um dos heráclidas de Corinto, depois de haver expulso os sícelos da então ilha, que hoje não é mais cercada de água, na qual atualmente existe a cidade interna; em época posterior a cidade externa foi ligada a ela por suas muralhas, e se tornou também muito populosa [...]*<sup>28</sup>

<sup>23</sup> Herói fundador da cidade grega.

<sup>24</sup> Diodoro Sículo. Op. cit., XI. 38.

<sup>25</sup> J. F. McGlew. Op. cit., 1996, p. 23.

<sup>26</sup> Diodoro Sículo. Op. cit., XI. 49.

<sup>27</sup> A. G. Woodhead, *Os gregos no Ocidente*. Lisboa: Verbo, 1972, p. 75.

<sup>28</sup> Tucídides. *História da guerra do Peloponeso*. Trad. Mário da Gama Kury, Brasília: Editora Universidade de Brasília, (XI, 3), 1982.

Estrabão<sup>29</sup> em (XI, C270) narra uma passagem em que, na empreitada colonial, coríntios e aqueus se aliam. Árquias, ao partir do Ocidente, consultou o oráculo de Delfos, junto ao aqueu Miscello, futuro *oikista* de Crotona, cidade no sul da Itália. O deus indagou-se sobre as suas preferências, no caso, se eles eram mais afeitos à riqueza ou à saúde. Árquias preferiu a riqueza, portanto fora-lhe indicada Siracusa, enquanto a Miscello, que escolhera saúde, fora-lhe indicada Crotona.

A cidade de Siracusa possui uma configuração geográfica bastante favorável, com dois bons portos, localizada a sudeste da Sicília, uma rota importante de comércio e navegação no Mediterrâneo. Os indígenas habitavam a ilha de Ortígia, que era separada da terra firme por um estreito braço de mar, mas posteriormente foi ligada por uma ponte.



Fig. 2. Planta de Siracusa: detalhamento das principais áreas. Fonte: Instituto Geográfico S. p. A. Novara. *Archeoguide. L'Italia dei Greci*, 2005, p. 114.

<sup>29</sup> Estrabão. *Geography*. Book VI. London: Heinemann, s/d. 6v, 1949.

---

Ao norte, seu território é limitado por Mégara Hibleia, situada a apenas 20 quilômetros aproximadamente<sup>30</sup>. Ao sul, ocupa uma planície costal de largura variada. Ao centro, montanhas calcárias, que lhe proporcionam defesa natural contra invasões. Essas montanhas centrais, por duas gerações após a fundação de Siracusa ficaram em poder nativo. As principais cidades sículas situavam-se em Pentállica e Finocchito.

A península de Ortígia era o coração da cidade grega, como o é até os dias atuais. Com área de 40 hectares, a sua rede viária sobrepõe-se ao traçado grego de fundação. O traçado urbano de época arcaica estendia-se da ilha até Acradina.

Ortígia é uma ilha longa e estreita, de fácil desembarque, com dois bons portos um pequeno, aberto para o mar e outro grande, a leste. Os aspectos físicos da área são consideravelmente diferentes dos atuais. A modificação deu-se pelo avanço da costa, devido à acumulação de material ao longo do Porto Grande.

Com o avanço do mar, o Porto Pícolo, o chamado *Lakkios*, desapareceu. O perímetro deste porto, limitado a norte e a sul por dois promontórios, foi completamente submerso – a área interna formava parte do antigo Porto Grande. O istmo antigo agora só pode ser representado graficamente, uma vez que não apresenta qualquer semelhança com o atual. O prolongamento para o norte da estrada principal beirava os santuários da ilha para o oeste, ligando a ilha ao continente, chamado por Cícero de “ponte estreita”<sup>31</sup>.

De acordo com o poeta Ibycus, que viveu em meados do século VI d.C., uma passagem no istmo do período arcaico foi construída com blocos de pedra, ao norte, protegido por Ortígia, e ao sul pelo promontório de *Plemmyrion*, mais largo. Imediatamente ao lado do istmo situava-se um vasto planalto, ocupado pela cidade no curso do grande desenvolvimento urbano nos séculos VI a IV a. C. A área habitada no continente era limitada e fechada ao norte pelo planalto chamado de Epípole, um vasto terraço calcário, mais ou menos triangular, cujo ponto da encosta oriental encontra-se em um local conhecido como Eurialo. Dionísio I, em meados do século IV a. C. construiu uma muralha, cercado toda a *khóra*, onde se encontrava a zona oriental das Epípoles.

---

<sup>30</sup> T. J. Dunbanbin. Op. cit., p. 94.

<sup>31</sup> Cerchiai L., Jannelli L., Longo F., *The Greek Cities of Magna Graecia and Sicily*, Getty Publications, Los Angeles, 2004, p. 206.

Entre as Epípoles e Acradina estavam outros dois locais mencionados por Cícero: *Tychê*, a leste, e a neápolis, nova cidade construída a oeste. Nestes núcleos urbanos estavam o teatro, o altar de Híeron e o anfiteatro do período romano, hoje dentro do parque arqueológico. Na neápolis encontra-se a colina Temenite, onde no cume encontrava-se o tēmeno de Apolo. Na encosta sul da colina também está o limite norte de Fusco, onde se localiza a necrópole mais antiga de Siracusa. Está situada na extremidade oriental da cidade, no planalto de Lisimeleia, que se estendeu para o sul em direção aos rios Anapo e Ciane.

### **Considerações finais**

Os tiranos, ao controlarem o território, passaram a realocar populações em massa, tornando frequente a distribuição de terras a estas populações. Essas ações levaram a uma nova configuração territorial e política na Sicília entre os séculos VI e V a. C. No entanto, é importante mostrar que este foi um processo que não se deu de forma homogênea em todo o território ocupado, pois os tiranos adotaram estratégias diferentes, em muitos casos, mostrando seletividade no trato com os transplantes populacionais.

Por fim, a monumentalidade nos séculos VI e V a. C. foi moldada com o advento das tiranias na Sicília. A Neápolis foi significativamente ampliada, já que as realocações compulsórias de população exigiram a expansão da *ásty*. Em época tirânica o cenário era complexo, pois com o aumento do poderio político centralizado aumentava-se a necessidade do embelezamento da cidade, alimentada por um discurso visual, que fazia parte de um processo articulado de ostentação. A cidade foi moldada a este modelo de grandeza almejada, em que mercenários, presos de guerra, espólios conquistados, realocações populacionais e refundações de cidades eram primordiais motores para esse sistema.

### **Referências Bibliográficas Fontes textuais:**

Diodoro sículo. *Library of History*. The Loeb Classical Library. Trad. C. H. Oldfather. Cambridge: Harvard University Press, 1963.

Cícero. *The Verrine Orations*, 2 vols, Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1928.

Heródoto. *História*. Trad. de J. Brito Broca, São Paulo: Ediouro, 2001.

Estrabão. *Geography*. Livro VI. London: Heinemann, s/d. 6 v. 1949.

Tucídides. *História da guerra do Peloponeso*. Trad. Mário da Gama Kury, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

### **Geral:**

*Archeoguide*. L'Italia dei Greci, 2005, p. 114.

C. E. V. Aldrovandi,; C. Teodoro Custodio; Scatena, R. M.; Tauhyl, A. P. “Modelos imagéticos urbanos e a compreensão da sociomorfogênese da cidade antiga” In: C. E. V. Aldrovandi, M. C. N. Kormikiari, E. V. Hirata. (orgs). *Estudos sobre o Espaço na Antiguidade*. São Paulo: Edusp, FAPESP, 2011, pp. 105-124.

P. Bourdieu, *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

S. Bollati. *Siracusa: genesi di una città. Tessuto urbano di Ortigia*, 1999, p. 41.

L. Cerchiai, L. Jannelli, F. Longo, *The Greek Cities of Magna Graecia and Sicily*, Getty Publications, Los Angeles, 2004.

N. H. Demand. *Urban Reallocation in Archaic and Classical Greece. Flight and Consolidation*. University of Oklahoma Press, Norman and London, 1999.

T. J. Dunbabin, *Western Greeks: The History of the Sicily and South Italy from the Foundation of the Greeks Colonies to 480 B. C*. Oxford: Clarendon, 1948.

M. B. Florenzano. “Construindo o helenismo: o tirano e a monumentalização urbanística da pólis grega”. In: C. E. V. Aldrovandi; M. C. N. Kormikiari,; E. V. Hirata, (orgs). *Estudos sobre o Espaço na Antiguidade*. São Paulo: Edusp, FAPESP, 2011, pp. 41-56.

E. V. Hirata. *Arqueologia, Religião e Poder Político no Ocidente Grego* (Tese de Livre-Docência). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

J. F. Hora. *A expansão urbanística de Siracusa nos séculos VI e V a. C*. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo – Museu de Arqueologia e Etnologia, Sao Paulo, 2013.

A. B. Knapp. “Monumental Architecture, Identity and Memory”. In: *Proceedings of the Symposium. Bronze Age Architectural Traditions in the East Mediterranean. Diffusion and Diversity*. Gasteig, Munich, 7-8-May, 2008, pp. 47-59.

N. Luragui. *Tirannidi archaiche in Sicilia e Magna Grecia: Da Panezio di Leontini ala caduta dei Deinomedini* (Ed.) L. Firenze; S. Olschki, 1994,

- J. F. Mc Glew. *Tyranny and Political Culture in Ancient Greece*. Cornell University Press, 1996.
- V. C. Porto. *A cidade como discurso ideológico: monumentalidade nas moedas do Império Romano*, R. Museu de Arq. Etn. Supl, São Paulo, n. 18, pp. 79-87, 2014
- A. Rapoport. *Meaning of Built Environment a non Verbal Communication Approach*. (2<sup>a</sup> ed.). Tucson: University of Arizona Press, 1982.
- B. Trigger. “Monumental Architecture: A Thermodynamic Explanation of Symbolic Behavior”. *World Archaeology*, 22, 2, 1990, pp. 119-132.
- M. N. Zedeno. “The Archaeology of Territory and Territoriality”. In: David, B. e Thomas, J. (Eds). *Handbook of Landscape Archaeology*. Tucson: University Arizona Libraries and University, 2008, pp. 210-217.
- A. G. Woodhead. *Os Gregos no Ocidente*. Lisboa: Verbo, 1972.